HISTÓRIA E HISTÓRIAS DO CEARÁ NOS APONTAMENTOS DO PRESIDENTE[1] DA COMISSÃO CIENTÍFICA DO IMPÉRIO (1859-1861)

Francisca Hisllya Bandeira Cavalcante*

RESUMO

Os relatos sobre o Ceará escritos pelos cientistas que compuseram a Comissão Científica de Exploração das Províncias do Norte constituem o principal objeto da pesquisa, tendo em vista a importância destas narrativas para a História cultural, política e social do Ceará e para a construção de uma identidade histórica desta Província na segunda metade do século XIX. É nossa pretensão investigar a História do Ceará a partir de um olhar externo, de uma escrita elaborada para apresentar o Ceará à corte, ao "Brasil civilizado", decretando a sua definitiva integração ao projeto de constituição da Nação elaborado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), afinal o Ceará fazia parte do Império desconhecido. O momento histórico, político, social e cultural da nação tornava necessário um conhecimento maior dessa parte do Brasil, pois conhecer significava ter a possibilidade de melhor controlar. Além disso, a Ciência nacional encontrava-se em vias de afirmação e legitimação e fornecia os meios adequados para consolidar a identidade soberana e independente almejada naquele momento. A atuação da Comissão Científica de Exploração, os resultados produzidos pela expedição, as atividades desempenhadas pelos cientistas no Ceará, assim como o papel das Ciências Naturais e das instituições científicas, como o IHGB, no processo de afirmação e legitimação de uma identidade nacional brasileira homogênea no século XIX fazem parte das principais discussões presentes neste texto.

Palavras-chave: Comissão Científica de Exploração; Ciência Nacional; História do Ceará.

ABSTRACT

The reports about Ceará written by scientists who made up the Scientific Committee of Exploration of the Northern Provinces are the main object of research, in view of the importance of these cultural narratives to history, politics and society of Ceará and the construction of an identity history of this province in the second half of the nineteenth century. It is our intention to investigate the history of Ceará from an outside view of an elaborate written to present to the Court Ceará, the "civilized Brazil," by enacting its ultimate integration into the nation's draft constitution prepared by the Brazilian Institute of History and Geography (IHGB), that moment the Ceará was part of unknown Empire. The historical, political, social and cultural moment need of the nation became a greater knowledge of this part of Brazil, as it meant having to know the possibility of better control. In addition, the National Science was in the process of affirmation and legitimation and provided the means to consolidate the sovereign and independent identity at the time desired. The role of the Scientific Exploration of the results produced by the expedition, the activities performed by scientists in Ceará, as well as the role of natural science and scientific institutions, such as IHGB in the process of affirmation and legitimization of a homogeneous national identity in Brazil

---

[1] Francisco Freire Alemão de Cysneiros. Botânico e médico fluminense, foi um dos nomes mais renomados e expressivos das Ciências Naturais no Brasil do século XIX. Veio a ser escolhido como chefe da Seção Botânica e Presidente da Comissão Científica de Exploração.

* Mestranda do Programa de Pós-graduação em História e Culturas da Universidade Estadual do Ceará (UECE) / bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

in the nineteenth century are part of the main arguments presented in this text.
Keywords: Commission for Scientific Exploration. National Science. History of Ceará.

Introdução

A discussão da questão nacional ocupa uma posição de destaque no século XIX, tornando-se uma das marcas características do pensamento histórico, cultural e cientifico no Brasil. Nesse momento, cientistas, literatos, historiadores, políticos e intelectuais brasileiros estavam dedicados à elaboração da identidade brasileira, para a afirmação cultural e para a construção da totalidade Brasil.

Diante do contexto social, político e cultural do Império Brasileiro na segunda metade do século XIX, em vias de consolidação e fortalecimento da monarquia, a legitimação da nação brasileira seria forjada através da instituição de um passado glorioso e de uma História nacional total, unânime, valiosa e, para tanto, conforme Guimarães (1988) tornava-se necessário para os intelectuais e políticos da época conhecer o Brasil em sua totalidade; desbravar sua natureza, cultura e história, conquistar o interior desconhecido e alargar as fronteiras habitadas e exploradas do país, além de esclarecer e educar a sociedade e criar nela um sentimento de amor à pátria e, assim, afirmar a unidade nacional.

A marca do nítido esforço de associação entre natureza brasileira, investigações em História Natural e construção da nacionalidade pode ser localizada, especialmente, na atuação de um espaço de investigação científica: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).

O IHGB formou-se no bojo do processo de consolidação do estado nacional. Pensar e delinear um perfil para o Brasil era um de seus principais objetivos. "O Instituto retiraria a história brasileira de seu escuro caos, superando uma época percebida e vivida como necessitada de Luz e Ordem"[2].

Fundado em 1838, o Instituto consistia em uma das mais importantes instituições culturais do Império, acolhia as figuras mais expressivas das Ciências, da Literatura e das Artes do país. Foi no cerne do IHGB que se elaborou um dos projetos mais audaciosos na tentativa de desfazer as barreiras internas fortalecidas pela pouca

[2] GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. *Nação e Civilização nos trópicos*: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 1, 1988, 15.

integração entre as províncias brasileiras e favorecer a efetivação do que se projetava como a verdadeira e homogênea nacionalidade brasileira.

A formação da Comissão Científica do Império

Na seção Ordinária de 30 de maio de 1856 do IHGB, contando com a presença do Imperador D. Pedro II, o naturalista Manuel Ferreira Lagos, lançou uma proposta, que, diante das circunstâncias nas quais se encontravam os estudos científicos no Brasil, agradava os personagens que compunham o quadro científico nacional, as palavras do naturalista foram as seguintes:

> Propomos que o IHGB se dirija ao governo imperial, pedindo-lhe haja nomear uma comissão de engenheiros e de naturalistas nacionais para explorar algumas das províncias menos conhecidas do Brasil, com a obrigação de formarem também para o Museu Nacional uma coleção de produtos dos reinos orgânicos e inorgânicos e de tudo quanto possa servir de prova do estado de civilização, indústria, usos e costumes dos nossos indígenas[3].

Lagos tornava pública a intenção de se estudar o Brasil a partir das suas áreas menos conhecidas, portanto, menos produtivas e mais hostis para o império e inseri-las no projeto de formação de "uma individualidade nacional apoiada tanto na noção agregadora do território quanto na idéia de nação que, apagando as profundas diferenças sociais, tornava os contrastes naturais e culturais marcas de uma localidade própria."[4] As províncias citadas por ele correspondiam as do Norte do país. Esse discurso agradou o Imperador, que prontamente se disponibilizou a apoiar a expedição ao Norte brasileiro.

Organizada a Comissão, definidas suas Seções e escolhidos os cientistas que dela participariam, dentre os mais renomados da Corte, restava escolher o destino da viagem. Segundo Braga (2004), a escolha da província do Ceará deu-se em princípios de 1857. A razão mais apontada para essa escolha encontra-se na suposta riqueza do solo cearense. Grande parte dos estudiosos da Comissão defendem que se dizia existirem nas serras cearenses grandes jazidas de metais preciosos. Corroboravam para esse parecer as amostras de minerais da província, colecionadas nos mostruários do

---

[3] Revista do IHGB, t. 19, 1856, p.12 In: BRAGA, Renato. *História da Comissão Científica de Exploração*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004 (Coleção Clássicos Cearenses), p. 19.

[4] PESAVENTO, 1992, p. 217. In: LOPES, Maria Margareth. *Mais vale um jegue que me carregue, que um camelo que me derrube... lá no Ceará***.** História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 3, n. 1, 1996, p. 83.

Museu Nacional. Para estes, a provável existência de metais preciosos foi a razão fundamental da escolha do Ceará como primeira província a ser estudada.

Enquanto ficavam prontos os preparativos para a viagem, a Comissão foi dividida em cinco Seções, cada uma sob a responsabilidade de um cientista brasileiro. As Seções criadas e seus respectivos chefes foram as seguintes: *Botânica* para a qual foi encarregado Francisco Freire Alemão; *Geológica e Mineralógica* que ficou a cargo de Guilherme Schüch Capanema; *Zoológica*, assumida pelo porta-voz da proposta de formação da Comissão - Manoel Ferreira Lagos; *Astronômica e Geográfica* para a qual foi nomeado chefe Raja Gabaglia e *Etnográfica e Narrativa de Viagem*, tendo sido designado para ela Antônio Gonçalves Dias - o já reconhecido poeta indianista. Além dos chefes das Seções, foi designado para a Comissão o pintor José Reis de Carvalho. Autônomas quanto aos seus objetivos, as Seções ficavam na estrita obrigação de colaborar entre si, agrupadas em torno de um presidente, cargo para o qual foi recomendado o botânico Francisco Freire Alemão.

Em fevereiro de 1859 os integrantes da Comissão desembarcaram no Ceará. De acordo com Dias (1862), os científicos mostravam-se cheios de entusiasmo com a idéia de que iam prestar um serviço relevante ao seu País, esperançosos eram de encontrarem alguma coisa de essencial ao desenvolvimento do Brasil e desvendarem um mundo de novidades no campo das Ciências naturais e da História. Para o povo, a Comissão vinha em busca das minas, das jazidas inesgotáveis que nutriam a crença cearense e oferecia a todos uma expectativa de riqueza súbita e imprevista.

Seis meses após a chegada a Fortaleza, os cientistas iniciaram suas viagens pelo interior cearense. Dividida em três turmas, a primeira formada pelas Seções Botânica e Zoológica, a segunda pela Geológica e Etnográfica e a terceira pela Astronômica, a Comissão Cientifica iniciou a empreitada e por quase dois anos percorreria as mais diversas regiões do território cearense. No entanto, em menos de um ano de viagem pelo Ceará os problemas apareceriam. Cortes financeiros e falta de esclarecimentos ao presidente da Comissão acerca da liberação dos recursos para a jornada acabaram levando à decisão de retornarem as Seções à Capital da Província antecipadamente, em março de 1860. Não se dispunha mais de meios para uma excursão tão larga quanto desejavam os que dela participavam diretamente. No Ceará e na Corte muitas eram as críticas. O pensamento corrente era o de que fracassara por não haver encontrado os

tesouros minerais ansiosamente esperados por todos. Os problemas enfrentados pela Comissão extrapolavam os financeiros, decorriam também das condições climáticas, das precariedades do sertão, dos conflitos pessoais entre alguns de seus membros, dos mal entendidos com as autoridades e populações locais, do desgaste político na Corte e de problemas de saúde enfrentados por quase todos os membros da Comissão. Diante das adversidades, foram refeitos os itinerários iniciais e os trabalhos científicos realizados pelo interior da província se sustentariam por mais um ano.

Em abril de 1861 reunir-se-iam novamente em ir os chefes de Seção. Nesse momento a Científica deixara de estar em condições de trabalho, o retorno ao Rio de Janeiro deveria ser providenciado. Segundo Dias (1862)[5], em 5 de junho de 1861, Freire Alemão recebeu a Comunicação do governo imperial autorizando a volta da Comissão à Corte. No dia 13 de julho de 1861 partiram do Ceará. Chegaram ao seu destino em 24 de julho de 1861.

No Rio de Janeiro os membros da Comissão assumiriam uma nova fase de seus estudos científicos, era necessário catalogar o material recolhido, estudá-los minuciosamente e principalmente, apresentar resultados concretos que justificassem a existência da Comissão e mostrassem a utilidade, já tão contestada por políticos e intelectuais do Império, dos estudos feitos no Ceará. Os relatórios de Capanema, Freire Alemão e Lagos foram lidos nas sessões de 4 de outubro, 22 de novembro e 6 de dezembro, respectivamente. Gonçalves Dias e Gabaglia não apresentaram relatórios. O de Gabaglia, segundo Capanema nos seus "*Apontamentos sobre as secas do Ceará*" (Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 1878), foi escrito e estaria em 1878 nas mãos de particulares, no entanto nada se sabe sobre o roteiro do relatório da Seção Astronômica e Geográfica. O relatório da Secção Etnográfica não foi escrito. Enfermo, Gonçalves Dias concluiu apenas a Parte Histórica e os Proêmios dos *Trabalhos da Comissão Cientifica de Exploração*, publicados em 1862.

A existência da Comissão rendeu para o Museu do Nacional mais de 14.000 amostras de plantas, até então a maior contribuição botânica para o acervo cientifico da instituição. A coleção Zoológica, também cedida ao Museu, era estimada em 17.000 exemplares, entre insetos, répteis, peixes e aves. Para o Museu foram encaminhados os

---

[5] DIAS, A. Gonçalves. *Proêmio; Parte Histórica*. in: *Trabalhos da Comissão Cientifica de Exploração.* Rio de Janeiro: Tipografia Universal Laemmert,1862.

instrumentos e materiais para uso na preparação de produtos, assim como os livros adquiridos para a viagem, mais de 2000 títulos que iriam constituir uma parte significativa da Biblioteca do Museu, lá também foi depositada uma série de estampas de zoologia, etnologia e mineralogia.

Além do Museu Nacional, o IHGB recebeu muito do material conseguido pelos naturalistas no Ceará. Gonçalves Dias vasculhou boa parte dos arquivos municipais por onde passou, como o do Icó e o do Crato, e obteve documentos e extratos de notícias interessantes à História e Geografia do Ceará. O mesmo fizeram Lagos e Freire Alemão. Essa documentação foi entregue ao Instituto. Quanto aos resultados literários da Científica, todos os chefes de Seção produziram estudos sobre as experiências no Ceará.

O Diário de Viagem de Francisco Freire Alemão

Dentre os cientistas que participaram da Comissão Cientifica de Exploração um, em particular, destacava-se pela experiência e pelo largo respeito adquirido perante a comunidade científica nacional. Tratava-se do Botânico e Médico Francisco Freire Alemão de Cysneiros, que veio a ser chefe da Seção Botânica e Presidente da Comissão. A escolha de Freire Alemão representava um reconhecimento do governo imperial e da comunidade cientifica como um todo, representada pelo IHGB, ao largo e eficiente trabalho desenvolvido por ele na área das ciências no Brasil.

À frente dos trabalhos da Seção Botânica Alemão desenvolveu um trabalho minucioso. De volta ao Rio de Janeiro, em 1861, empenhou-se na discriminação das mais de 12.000 plantas trazidas do Ceará. Publicou alguns volumes acerca da Flora cearense, escreveu relatórios, artigos e correspondências a naturalistas estrangeiros baseado nas experiências obtidas a partir da viagem.

> Desde a chegada a Fortaleza exercita o velho mestre toda a sua capacidade de trabalho. Estuda plantas, faz observações sociológicas, indaga, anota, transcendendo, pelo seu espírito naturalmente perscrutador, o campo que lhe era reservado. Meticuloso, metódico, prossegue em seu hábito de estudar e trabalhar cotidianamente. Graças a essa honestidade profissional, o rendimento da Seção Botânica foi incomparavelmente maior que o das demais[6].

Além dos escritos públicos e/ou oficiais, como as instruções de viagem, os

---

[6] DAMASCENO, Darcy. *O Botânico Freire Alemão*. In: *Os manuscritos do botânico Freire Alemão*. Catálogo e Transcrição. Anais da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, v.81, 1961, p. 26.

relatórios, os artigos e teses científicas como a confecção da Flora Cearense, Alemão escreveu fez anotações de cunho pessoal, particulares, sendo o grande exemplo dessas anotações o seu Diário da Viagem ao Ceará. O Diário de Viagem representava para o naturalista viajante o espaço onde poderia anotar todas as experiências vividas em sua expedição. Mais que um livro de memórias, funcionava como um campo de registro de possibilidades cientificas que precisavam, em outro momento, serem analisadas.

No presente trabalho nos deteremos no estudo da primeira parte desse Diário de Viagem, que corresponde ao espaço de tempo compreendido entre a chegada do naturalista ao Ceará em março de 1859 e a sua viagem ao Rio de Janeiro em julho de 1860, quando pediu licença de dois meses para tratar na corte de sua saúde e de problemas particulares. A segunda parte do Diário, que não será analisada nesse momento, retrata a volta do Rio ao Ceará em setembro de 1860 até o retorno definitivo da Comissão ao Rio de Janeiro em julho de 1861.

Em seu Diário, Freire Alemão registra uma série de comentários, narrativas, observações e impressões relativas ao clima, relevo, hábitos alimentares, festas, topônimos, condições econômicas, disputas políticas, traçado urbano, aspectos da arquitetura, problemas internos da Comissão entre outros. O chefe da Seção Botânica e Presidente da Comissão anotou passo a passo sua viagem pelo Ceará, atentando para os mais variados aspectos da vida no sertão. Descreve o ambiente dos saraus, a graça e desenvoltura das moças, a presença cotidiana dos escravos, as conversas nas calçadas, o desembaraço das crianças, a sonoridade da fala popular, os préstimos dos anfitriões, os serviços prestados nos povoados e vilas, enfim, esmiúça com riqueza de detalhes e visão analítica as singularidades do viver cearense na segunda metade do século XIX. Em concordância com a análise de Silva Filho, as considerações de Freire Alemão, "Colhida e produzida com o espírito do cientista, usualmente disposto a colocar em causa o objeto de sua investigação, a trama dos fatos e das ações está subordinada ao escrutínio da visão analítica, que extrai, separa, decompõe, enquadra, ordena, classifica"[7].

As narrativas da viagem ao Ceará no Diário de Freire Alemão

---

[7] SILVA FILHO, Antonio Luiz Macedo e. *Nota Explicativa*. In: ALEMÃO, F. F. *Diário de viagem de Francisco Freire Alemão: Fortaleza - Crato, 1859* – volume I (Coleção Comissão Científica de Exploração, 3). Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2006, p.13.

Ao longo do século XIX as viagens científicas ganharam forte especialização e, consequentemente, isso se refletiu na literatura de viagem produzida pelos cientistas viajantes. Assim, as memórias, os relatos, os diários, as correspondências, as instruções de viagem e os relatórios científicos apresentavam algumas modificações e reafirmavam-se cada vez mais como elementos essenciais para o bom cumprimento da tarefa do naturalista viajante. Nos Diários, assuntos pessoais e profissionais aparecem associados, revelando aspectos da viagem científica que dificilmente figuram nos relatórios e nas comunicações oficiais. Longe de conterem apenas informações do plano pessoal, os diários compõem um importante material para a análise da História. Quase sempre as atividades profissionais aparecem conjuntamente com informações sobre a vida e o cotidiano de quem escreve.

Alemão era um curioso costumaz. Homem simples, conversador cativante, por tudo se interessava. Anotava tudo. Nas suas indagações valia-se tanto da gente de gravata lavada, como ele mesmo se refere aos mais abastados, quanto da gente do povo. Através do seu Diário podemos avaliar o que pensava sobre os mais diversos assuntos, porque seus escritos não se destinavam ao conhecimento público, dessa forma podia dar livre expressão às próprias idéias, sem medo das censuras e do controle social.

A intensa mobilidade da Seção Botânica é evidenciada no Diário. Suas páginas dão conta das inumeráveis movimentações ocorridas no transcurso dos povoados e vilas. Ali também estão algumas transcrições de documentos históricos encontrados nas localidades, principalmente dos livros das câmaras. Transcreve[8] documentos com os quais entrava em contato e que julgava importantes para a História do Ceará e para a narrativa da viagem, como jornais, revistas, livros e documentos oficiais. Procurava os documentos escritos para que pudessem servir de contrapeso num meio sociocultural preponderantemente iletrado e alicerçado na tradição oral. Por vezes, procura comparar dados coletados nos arquivos com o depoimento de alguma testemunha ocular do acontecimento que investigava. Um desses casos se deu quando procurou confirmar com uma testemunha certo fato relatado em uma correspondência entre dois intelectuais cearenses, da qual tinha feito cópia quando se encontrava no Crato:

> (...) nessa ocasião pedi ao Canuto que me acompanhasse, pois desejava conversar com ele, ao que se presta de melhor vontade. E em

[8]As transcrições maiores eram feitas a parte e constituem, dentro da coleção dos manuscritos pertencentes à Biblioteca Nacional, as notas documentais.

> casa depois que se retiraram algumas visitas expus-lhe o que queria dele, que era a verificação dos fatos contados na Carta do Brígido ao D[r]. Theberge no que conveio de bom modo, prometendo-me em tudo dizer a verdade ainda que com isso houvesse algum comprometimento. Li-lhe a carta toda, que ele acha exposto e visto alguns pequenos reparos, ou ocorria algumas circunstancias, que tudo escrevi. Prometeu que ia mandar a historia da morte do Tristão e outras notícias[9].

Os primeiros escritos no Diário de Freire Alemão compõem-se das "Notas sobre Fortaleza e Pacatuba." Iniciadas no dia 16 de fevereiro de 1859, 12 dias após o desembarque em Fortaleza, essas notas evidenciam a estrutura que Alemão usaria para descrever os povoados que visitaria. Logo no primeiro trecho do Diário registra conversas que teve com alguns moradores de Fortaleza e faz algumas anotações botânicas. As notas seguintes datam do dia 30 de março de 1859, ou seja, nesses primeiros dias no Ceará não obedeceu a uma seqüência diária de anotações, fato que mudará quando inicia as viagens pelo interior. A partir de então suas notas serão diárias, salvo raras exceções, mas jamais passará mais de dois dias sem escrever suas memórias.

As anotações do dia 30 de março de 1859 dissertam sobre suas observações durante a primeira viagem que fez de Fortaleza a Pacatuba. Suas ponderações sobre a gente do Ceará se fazem a partir de comparações com a realidade do Rio de Janeiro. A curiosidade, a inteligência e a comunicabilidade do cearense são por ele destacadas:

> É notável nesta gente (a observação já feita por estrangeiros) o desenvolvimento da inteligência. As crianças são vivas, prontas em respostas, atiladas, desernbaraçadas, perguntadeiras. As mulheres mui tratáveis, prestam-se da melhor vontade, sem constrangimento algum a dar informações, que se lhe pedem, fazendo sempre reflexões, e questões que indicam certa perspicácia. Nos homens se dá também viveza, loquacidade e astucia. Dizem que para o sertão é isso ainda melhor. O certo é que há grande diferença entre estes e os nossos matutos. Tanto mulheres (e estas mais) como homens são capazes de grande desenvolvimento industrial[10].

Estando a pouco mais de seis meses no Ceará, Freire Alemão arrisca fazer uma análise do povo cearense, classificando-o em duas categorias: a gente acaboclada, ou o

---

9 ALEMÃO, Francisco Freire. *Diário de viagem de Francisco Freire Alemão: Crato - Rio de Janeiro, 1859 / 1860* – volume II (Coleção Comissão Científica de Exploração, 4). Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2007, p. 18, folhas 190-191.

10 ALEMÃO, Notas sobre Fortaleza e Pacatuba. Apud DAMASCENO, Darcy e CUNHA, Waldir da (orgs.). *Os manuscritos do botânico Freire Alemão.* Catálogo e Transcrição. Anais da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, v.81, 1961, pp. 199 e 211.

povo, e a gente branca. Segundo ele, o povo cearense é primordialmente formado pela raça cabocla[11]: "Pondo de parte alguns poucos pretos, e por conseqüência também alguns poucos mulatos, todo o povo do Ceara é de raça cabocla; mais ou menos mesclada de branco, e também de preto; mas em geral se conserva ainda bem o tipo americano"[12].

Freire Alemão toma como referencial teórico a hierarquia das raças, teoria recorrente no meio científico no qual atuava. Tais idéias tinham como ponto de partida a obra do naturalista alemão Carl Von Martius, sintetizadas no seu texto "Como se deve escrever a História do Brasil". Essas idéias eram também compartilhadas por Gonçalves Dias que, entre outras coisas, defendia que a decadência dos índios não era motivada, e sim apenas acentuada pelo contato com os brancos. O poeta indianista, como pesquisador, não estava à frente das idéias do seu tempo, apesar do interesse que demonstrava pela população de índios, negros e sertanejos e seu lugar na formação do povo brasileiro

Diante da presença dos cearenses, Alemão demonstra um sentimento de estranheza. Ele percebia muitas diferenças com relação à sociedade do Rio de Janeiro, marcada pela grande presença de negros e alguns brancos. Em suas observações sobre a gente acaboclada do Ceará anota:

> Ainda não vi nesta gente urna mulher, nem um homem demasiadamente gordos. São todos mui inteligentes, desembaraçados, e falam bem (...) e com termos e £rases, às vezes pitorescas; a sua pronuncia é antes descansada que apressada, correndo em umas e descansando em outras sílabas. Os homens são em geral imprevidentes, indolentes, e pouco amigos do trabalho; pelo contrário as mulheres estão sempre ocupadas (enquanto eles se balançam nas redes) fazem obras mui mimosas de rendas, de crivos, e de tecidos, etc. As mulheres são mui prolíficas (o que também acontece a respeito dos brancos).
>
> ....
>
> O natural desta gente e bom; são dóceis, pacatos, mas bulhentos em estando bêbados; e vingativos, principalmente por ciúmes. As mulheres dizem que são fáceis e devassas. A prostituição é aqui muitas vezes filha da necessidade[13].

---

[11] Conforme a definição do dicionário Aurélio, o caboclo, ou mameluco, vem da miscigenação do branco com o índio, com predominância do indígena.
[12] DAMASCENO, Darcy e CUNHA, Waldir da (orgs.). *Os manuscritos do botânico Freire Alemão.* Catálogo e Transcrição. Anais da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, v.81, 1961, p. 210.
[13] ALEMÃO, *Notas sobre Fortaleza e Pacatuba*. apud DAMASCENO e CUNHA, 1961, p. 210-211

Suas impressões aparentam construir uma imagem naturalizada das classes populares. Como lembra Jacques Revel (1990, p.47) “a cultura das elites molda permanentemente a cultura popular ao que lhe convém.” Freire Alemão segue uma tradição já estabelecida na Europa, nas Américas e na Literatura de viagem, de considerar o homem como produto do meio. Sua religião, linguagem, artefatos, festas, entre outros seriam como que produtos do solo e da paisagem.

A outra categoria usada por ele para classificar o elemento humano do ceará, a gente branca, é descrita assim:

> Parece ser mais ou menos mesclada da raça americana. (...) Não tenho observado esse achatamento da cabeça senão em alguns casos. Alguns são bem apessoados, principalmente os filhos do sertão. (...)
>
> Em geral todos tem grandes queixas da centralização do governo; há prejuízos arraigados, muitos apreciam o falso das coisas, e uma certa tendência pueril para o que chamam liberdade. Deixam mesmo entrever o desejo de independência, e os sonhos da república. Isto o temos notado mesmo no sexo feminino. Há sobretudo um sentimento de inveja para com o Rio de Janeiro, que se manifesta a seu pesar[14].

Neste ponto aparece uma situação com a qual Freire Alemão irá se deparar algumas vezes: a simpatia pelos ideais republicanos e o sentimento anti monarquista alimentado por muitos cearenses. Não apenas no Diário, como também em outras notas documentais ele irá registrar esse assunto. Essa tendência para o que chamam liberdade, como ele diz, advinha principalmente dos movimentos revolucionários de 1817[15], 1824[16] e 1832[17], conflitos esses que faziam da província do Ceará conhecida como subversiva e rebelde na Corte. Estes três movimentos não ficaram de fora dos estudos históricos feitos por Alemão. Em vários momentos ele registra conversas que teve com testemunhas oculares desses conflitos e que lhes forneciam muitas informações sobre os fatos.

---

[14] Idem. Pp. 212-213.
[15]Revolução de 1817
[16] Confederação do Equador
[17]Revolução de 1832 ou Revolta de Pinto Madeira

Sobre a boa aceitação dos ideais republicanos no Ceará, em uma nota documental intitulada "sentimentos dos cearenses para com os estrangeiros" Alemão escreve:

> As idéias republicanas tem muita aceitação entre estes sábios de meia tigela; tem idéias muito exageradas a este respeito. Até as senhoras não podem ouvir falar em rei, rainha, nem em Papa, porque é rei de Roma! Entendem que ninguém se chega a um rei que é para esta gente sinônimo de déspota, de dominadores cruéis e injustos que não seja abjeto, e servil. É curioso vê-los indignados contra um ato de reverencia, ou de simples atenção para com um monarca: mas é também curioso ver o desprezo com que falam e tratam dos cabras. Um dia estávamos na Munguba a mesa do chá; o Lagos falava com soltura, e indiscrição dos ministros e gente da Corte. Franklin mui contente olha para as senhoras e diz: este é dos nossos; depois dirigindo-se para mim pergunta muito se eu não era monarquista! Um sentimento de indignação se apoderou de mim e mal me pude conter, mas não lhe respondi como devia; apenas lhe disse que eu não me ocupava com essas questões, e que se particularmente era amante do Imperador é porque não podia deixar de o ser sem ser ingrato[18].

Ainda escrevendo sobre a gente branca do Ceará, Alemão destaca a aversão que essa gente demonstra para com os portugueses, a quem tratam de marinheiros. Na nota anteriormente citada ("sentimentos dos cearenses para com os estrangeiros") ele esclarece essa questão:

> Tem a gente do Ceara grande aversão para estrangeiros, principalmente para portugueses, a que chamam *Marinheiros.* Tudo o que existe no Ceará mais antigo querem que fosse obra de holandeses; assim a antiga fortaleza do Rio Ceará; o porto de desembarque, com o seu aterrado são obras holandesas. Mesmo a respeito do Brasil eles têm idéia tão exagerada da sua província que se persuadem ser o Ceara superior a todas em tudo; e enfim para eles Brasil é Ceara[19].

Em outra nota, "Conceitos populares a respeito dos tesouros e riquezas do país", é explicado com mais propriedade esse suposto sentimento de superioridade do cearense:

> O povo do Ceará (...) tem idéias muito falsas a respeito do Brasil: para eles Brasil é Ceará, e tudo o que não [é] cearense é estrangeiro. Têm eles para si que o Ceara é superior a tudo o mais, e só conhecem superioridade em outros povos pelos artefatos que eles admiram, e não concebem como se fazem. O seu país (Ceará) está todo minado de metais preciosos; e cheio de tesouros escondidos pelos Flamengos, Jesuítas etc. etc. O país está cheio de tradições, em que acreditam

[18] Apud Damasceno e Cunha, 1961, p.316-317
[19] Idem., p. 316.

> religiosamente; e certificam com contos de fenômenos naturais, que já hoje se não vêem, ou que apenas ainda vislumbram em certos lugares e tempos[20].

No Diário, também é destacado esse ‘inflamado patriotismo’ cearense:

> A gente do Ceará que tem uma certa cultura, mostrão-se invejozos, e prevenidos contra o Rio de Janeiro. Todas as desgraças de sua província são causadas ou ao menos remediadas pelo Governo, que só trata do Rio de Janeiro. (...) O sonho dourado desta gente é a sua independência, é o Ceará formando um estado. Ele fazem uma idéia tão exagerada da sua província que no seu entender é em tudo superior a todos os outros; e o seu estribilho é sempre “dêem-nos chuvas, dois meses só todos os anos, que o Ceará não precisa de nada, e pode farta a todo o Império.”[21]

Tal sentimento da gente do Ceará realçava, como destaca Silva Filho (2006, p.27), o largo distanciamento cultural que separava os científicos das populações interioranas.

> Frequentes mesmo as ocasiões em que se presumia tratar-se de europeus excursionando pelo Brasil, momento no qual aqueles homens distintos e sua vultosa parafernália eram representados como a quintessência do estranho – viravam estrangeiros. Parecia difícil esclarecer qual o sentido de tamanhas despesas, planos, andanças e esforços voltados a recolha de plantas, pedras e bichos que, presentes na vida cotidiana daquelas comunidades, só a custo despertariam excepcional interesse[22].

As habitações não ficam de fora de seus comentários. Em geral, os primeiros registros feitos no diário a cada localidade que chega descrevem com riquezas de detalhes os aspectos das habitações, assim com as igrejas, as casas de câmaras, os prédios públicos, entre outros. Suas primeiras impressões sobre as habitações relatam o seguinte:

> As casas da cidade são inteiramente semelhantes as do Rio – térreas e sobrados, com as diferenças exigidas pelas circunstancias de cada país. Nos sobrados há a mesma mania de cores e ornatos sem gosto, e sem arte. O interior é ornado e mobilhado do mesmo modo que lá; só notei que aqui ha sempre nas salas uma ou duas cadeiras de balanço. Pelo interior se acha por toda a parte, na sala de visitas, e até nos corredores, ferros de pendurar redes, que chamam armad*ores. (...)*. Na rede se dorme, se lê, se conversa,

---

[20] Ibidem., p. 311.

[21] ALEMÃO, Francisco Freire. *Diário de viagem de Francisco Freire Alemão: Fortaleza - Crato, 1859 – volume I* (Coleção Comissão Científica de Exploração, 3). Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2006, pp. 82-83, folha 35.

[22] SILVA FILHO, op. cit., p.27.

etc[23].

Esse último comentário merece especial destaque. O uso da rede pelo Cearense é bastante relatado por Freire Alemão. Em vários momentos de sua viagem registra o longo uso que se faz desse objeto no Ceará, ressaltando importante aspecto da cultura material dos sertões. Sempre destaca que qualquer coisa poderia lhe faltar nas andanças pelo sertão, menos uma rede armada para descanso ou dormida.

> Depois de refeitos, voltamos para nossas redes, na sala de fora. É a primeira coisa que se faz, logo que chega qualquer hospede: armarem-se tantas redes, quantos eles são: bem lavadas, e mais ou menos ricas segundo a fortuna do dono da casa: entrando-se na casa d'um pobre, ele levanta-se de sua rede e a oferece a quem chega. (...) As redes são nestas terras as cadeiras, os sofás, e as camas. Não quero dizer que não haja cadeiras, nas casas mais abastadas há sempre cadeiras, de pau, de couro, ou de palhinha, conforme as posses: e em algumas casas há camas[24].

A alegria do povo cearense é constantemente enfatizada por Alemão. Ao descrever as festas, as procissões, os saraus, as missas, o hasteamento da bandeira, os festejos populares, vaquejadas e outros eventos festivos para os quais era convidado sempre ressalta o grande ânimo presente nessas ocasiões. Esses momentos eram excelentes para fornecer-lhe elementos para escrever sobre a música, a religiosidade, o comportamento feminino, as vestimentas e muitos outros aspectos culturais do interior cearense.

Outra temática recorrente no diário são as anotações sobre as rodas de conversas que participava por onde passou. Em quase todos os povoados e vilas, os fins de tarde, antes da ceia, eram ocupados por conversas com os mais variados tipos da localidade. Era nesses momentos que indagava a população sobre a história do povoado, os costumes, a política, enfim, trocava informações e experiências. Nas suas andanças pelo sertão a Comissão sempre despertava curiosidades e seus integrantes constantemente viam-se cercados de pessoas que observavam atentamente seus modos de vestir, de comer, de andar, de falar. Alemão chega a confessar que uma das maiores dificuldades que sentiu no inicio de suas viagens pelo interior foi ter que se acostumar com a platéia sempre presente na hora das refeições, incomodava-o muito comer sendo observado por tanta gente.

---

[23] ALEMÃO, *Notas sobre Fortaleza e Pacatuba*, apud Damasceno e Cunha, 1961, p. 217.
[24] Alemão, *Diário de viagem*, vol. II, 2007, p.47, folha 244.

Recebiam sempre muitas visitas nas casas onde se hospedavam, não só de doentes, como também de curiosos, vaqueiros, autoridades, comerciantes, mulheres que vinham oferecer produtos como galinhas, ovos, doces, rendas e porcelanas e até mesmo escravas que vinham pedir alforria. As casas em que se hospedavam geralmente eram alugadas para a estadia da Comissão, mas em lugares onde permaneciam apenas alguns dias ou simplesmente pernoitavam ficavam arranchados nas casas dos sertanejos, por quem sempre, segundo ele, eram bem recebidos. Em carta à irmã Policena Freire[25], em 20 de novembro de 1859, dá testemunho do bom tratamento que recebia das pessoas do sertão:

> Mas à beira das estradas, se acha, sem falar nas vilas e povoados, a várias distâncias, algum pobre sítio de vaqueiro, ou de fazendeiro, onde nunca se nega água, rede e ao menos uma latada para descanso. Seus habitantes são tratáveis, curiosos, inteligentes e faladores – as mulheres ainda mais[26].

Essa mesma gente alimentava muita esperança e desconfiança com a relação à Comissão. A suposta presença de metais preciosos nas terras cearenses alimentava os anseios de muita gente, assim como era um dos principais fatores que motivava o apoio governamental a empreitada e foi responsável, em grande parte pelo desgaste da Comissão. Segundo Freire Alemão essa era a mania da terra: todos julgavam ter em seus domínios minas e tesouros escondidos. Na nota "Conceitos populares a respeito de tesouros e riquezas do país" ele resume as indagações que sofriam em toda a província sobre as tão sonhadas e esperadas minas:

> Por toda a província éramos questionados, não só pelo povo rude mas por gente de gravata 1avada sobre as minas que havíamos descoberto; e mostravam-se incrédulos quando lhes afirmávamos que nada se havia achado. Estando prevenidos de que só vínhamos buscar minas e riquezas, e que de tudo fazíamos segredo. Este preconceito pairava sobre nós e nos fazia suspeitos para com esta boa gente[27].

Mas as esperanças da gente do sertão com relação à Comissão não se resumiam as minas, outros anseios ficavam claros na fala do povo. Alemão via-se diante de questões que julgava impertinentes:

> Contava ele que nós (digo, a Comissão) vínhamos ao Ceará descobrir Minas de metais preciosos, fartar a Província de águas e ensinar a

[25]Segundo Morais (2005, p.152), o tom da escrita das cartas enviadas à família era semelhante ao do Diário. É provável que a sua irmã Policena o tenha lido também quando de seu retorno ao Rio de Janeiro.
[26] apud DAMASCENO e CUNHA, 1961, p.153.
[27] apud Damasceno e Cunha, 1961, p.311.

> trabalhar: porque, dizia ele, nós estamos ainda muito brutos, na sua terra (parecia que se referia a Europa) há tantos meios de abreviar o trabalho, que nos desconhecemos, vejo coisas vendidas por preço tal que seria impossível faze-los entre nós (isto é o Ceará) referia-se sem duvidas aos artefatos europeus. Eu aqui tenho tanto trabalho para plantar, limpar, e de fazer a mandioca em farinha, desejava ver algum meio de fazer esse serviço mais depressa; e era nisto, como em outras coisas, que elle esperava que a Comissão desse ou ensinasse modos de facilitar os trabalhos, e quando eu lhe expliquei qual era o objeto da minha Seção e da do Lagos o homem caiu das nuvens e não podia compreender-me; e enfim disse: Já vejo, que com os senhores não ganho nada[28].

Na fala deste sertanejo aparece talvez o grande desejo do cearense à época: "fartar a província de água". O problema da seca no Nordeste era de total conhecimento da comissão, tanto que as Seções Astronômica e Geográfica e Geológica, conforme as Instruções de Viagem da Astronômica[29], tinham entre suas atribuições a responsabilidade de fazerem estudos a fim de descobrir indícios que pudessem servir de guia para a abertura de poços que possibilitassem a amenização dos problemas.

Freire Alemão prefere dar maior espaço em seu Diário à proeza dos rios cearenses, aos transbordamentos fluviais. Frequentemente indagava as pessoas sobre as cheias dos rios e as inundações causadas por eles ao longo dos anos. Ele compreendia o inestimável valor atribuído a água no sertão e não se eximiu de dar a devida importância a esse valor. Como também, não deixou de tecer ponderações sobre a qualidade da água que lhe era oferecida nos lugares por onde passava. No diário anota, por muitas vezes, a repulsa física e cultural que sofria diante da má qualidade da água de beber: água barrenta, leitosa, sofrível, turva. Raramente, segundo ele, era possível provar água clara e de bom sabor.

Em concordância com Silva Filho (2006), neste aspecto revela Alemão "que se mostrou intrigado pela maneira como as pessoas se serviam naturalmente de tal liquido, que a ele jamais aplacaria a sede sem fustigar o corpo – vestígio sutil dos repertórios sensíveis vividos por sujeitos embutidos de diferentes concepções de doença, higiene e bem-estar." (SILVA FIHO, op. Cit., p.20)

---

[28] ALEMÃO, Diário de viagem, vol. I, 2006, p.58, folha 13.

[29] "Achando-se a Comissão exploradora na província do Ceará, a qual sofre periodicamente o flagelo de secas devastadoras, convirá que a Seção Astronômica, de acordo com a Geológica, faça ali os precisos exames de sondagem, a fim de descobrir os indícios que possam servir de guia para tentar-se oportunamente a abertura de um poço artesiano, o qual (no caso de surtir efeito essa primeira tentativa) possa ser considerado como norma para a abertura de outros poços, de que careçam as diversas localidades da província" (apud Braga, 2004, p.225)

> (...) o que eu admirava era como esta boa gente bebia uma água que parecia tirada de um poço de porcos! A que nos deram de dentro era um pouco melhor, mas no copo parecia chá carregado com pouco leite, com grande repugnância eu bebia alguns goles[30].

Muitas outras temáticas e questões sobre o Ceará e sobre a atuação da Comissão são abordadas por Freire Alemão. Este estudo consiste em apenas um apanhado geral dos assuntos abordados pelo botânico em suas anotações pessoais. Há muito mais neste vasto e rico conjunto de documentos, são múltiplas as possibilidades de estudo que enseja. Àqueles interessados na história, cultura, economia, sociedade, política e religião do Ceará na segunda metade do século XIX encontrarão nos relatos de Freire Alemão inúmeras informações. Muito do Ceará dá-se a entender através da letra do presidente da Comissão Científica de Exploração das Províncias do Norte, ou simplesmente Comissão do Ceará. Esses escritos assumem uma importância significativa para a História cearense. A maior parte desta documentação encontra-se inédita e a que já foi analisada ainda possui muito a ser explorado. O diário de viagem de Freire Alemão, por exemplo, possui inúmeros aspectos da vida no Ceará do século XIX que aqui ou por outros estudiosos sequer foram pensados.

Em concordância com Rios (2006, p.11), entendemos que a vinda da Comissão Científica decretava a definitiva integração da província do ceará ao projeto de constituição da nação brasileira. Afinal, o Ceará, entre outras províncias do norte, fazia parte do Império desconhecido e, por isso mesmo, arriscamos em dizer, mais temido. A corte foi ao interior. O Brasil “civilizado” descobriu e ajudou a construir o Brasil “pitoresco”.

[30] ALEMÃO, Diário de viagem, vol. II, 2007, p.111-112, folha 323.